

Carolina Mesquita Clasen
Mestranda na Linha de Urbanismo Contemporâneo do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU) da UFPel

Eduardo Rocha
Professor Adjunto no DAUrb) da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAUrb) da UFPel; UFPel; Pesquisador no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU/FAUrb/UFPel), Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2

Dispositivos urbanos para a disfunção do espaço público

Urban apparatus for the disfunction of public space

Resumo: Corporalidades urbanóides que fazem e desfazem territórios experimentam pulsões para a compreensão do poder constituído entre arquitetura, arte e território. Essa questão, tratada em Foucault, coloca em contato mecanismos e funções em sua gestologia cotidiana. Através da criação de dispositivos operacionais, configuram-se experimentações do espaço público institucionalizado e os modos de vida através dele operados. A criação destes parte da experiência de deslocamento a partir de uma experiência de um grupo, mas para além disso, da apropriação do território como medida estratégica para a discussão de possíveis devires estruturais.

Palavras-chave: Urbanismo Contemporâneo; Modos de Vida; Arte/Educação; Dispositivos

Abstract: *Humanoid Corporalities which make and unmake territories experiment with pulsations in order to comprehend the power constituted by architecture, art and territory. This issue, dealt with in Foucault, places mechanisms and functions in contact within their everyday gestology. By means of the creation of operational apparatus (dispositifs), experimentations are configured about institutionalized public space and the modes of life through which it operates. The creation of these experiments begins with the experience of displacement in a group, but besides this, through the appropriation of territory as a strategic means for discussing possible structural becomings.*

Keywords: *Contemporary Urbanism; Modes of Life; Art/Education; Apparatus (Dispositifs)*

Para a proposição de disfuncionalizar o espaço público, precisamos tomar alguns pontos de partida que orientam esta escrita tramados na microfísica do poder. A partir do filósofo Michel Foucault existe um território que "é sem dúvida uma noção geográfica, mas é antes de tudo uma noção jurídico-política" (FOUCAULT, 1979, p. 89); e sumariamente seu controle e poder.

O corpo faz força e abre espaço, ocupa. O corpo estanca. Demora-se nos movimentos da respiração. Não fazem apenas expiração e inspiração. Não é sístole e diástole. O corpo está em devir rua, por isso a importância de habitar um intervalo e dilatar este espaço-tempo. Abandona-se. Se devir forma um bloco de dois ou mais termos heterogêneos que se desterritorializam mutuamente, entendemos que não é no sentido de evolução de um sujeito que este devir passa aos corpos que disfuncionalizam a publicidade do espaço. Não é um movimento de tornar-se outra coisa senão o devir outro, não se abandona o próprio corpo. A intenção do agenciamento é para propor-se a possibilidade de o *corpus*, que se configura com devires, faz fugir a imposição do imóvel. Coloca em crise o corpo que se desloca buscando linearidade em lugares que se dispõem na tentativa asséptica e organizadora mas, sobretudo, em um sem fim de atravessamentos e transurbâncias (CARERI, 2010). O devir está como um dispositivo do organismo corporal. Em Foucault, o dispositivo é delineado desta forma:

tento demarcar, em primeiro lugar, um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações, arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos (FOUCAULT, 2009, p. 244).

As perguntas são propulsoras da criação de dispositivos operacionais. Tais operações são da ordem gestológica, na tentativa de assumir o imperativo sobre os deslocamentos captando os mecanismos de dominação a partir do seu antagônico - desterritórios. Por definição, o dispositivo tem função metodológica e é compreendido como um tipo de formação que, em um determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência. Neste sentido, o dispositivo tem uma "função estratégica dominante" (FOUCAULT, 1979, p. 138). O que reafirma a sua insurgência na medida em que as contradições do espaço público se acirram e nos obrigam a assumir novas perspectivas das relações entre materialismo e sujeito. De alguma maneira propõe a retirada desse corpo de um território de enunciações e proibições criado, tirando o sujeito do terreno do cogito e da consciência, de forma que "ele estabelece suas raízes no terreno da vida, mas de uma vida que enquanto essencialmente errância, vai além do vivido e da intencionalidade da fenomenologia" (AGAMBEN, 2015, p. 332).

O poder que produz indivíduos, agindo na produção de subjetividade e dos corpos, está operacionalizando ações de separação, codificação, posicionamento, organização, acúmulo, composição, prescrição. A anatomia corresponde a enunciados espaciais, sendo a escola o principal espaço dessa crítica, mas muito como órgão que condensa a constituição do que é público. Do controle de modos de vida que violentam os corpos a conta gotas, a cada sinalização de tráfego, homeopaticamente no cotidiano das cidades. Na intenção de discutir e alargar as brechas do poder instituído através da materialidade urbana, são necessários mapeamentos do sensível e a discussão emergente de uma escamoteação fenomenológica através dos discursos das teorias das cidades. Na pretensão de reelaborar o percurso metodológico e a construção poética a partir do corpo da arquitetura, arte e território,

para a reafirmação da importância deste corpo que é propulsor das brechas mas não configura uma nova materialidade de imediato, se não uma *nova objetividade*¹ para a experiência do espaço.

A constituição dos espaços está muito enfaticamente tratada a partir das condições do regime Modernista arquitetônica, suas formas e o legado possível dessa escola. A contestação do corpo dispositivo é a experiência dos corpos docilizados (FOUCAULT, 1987) potencializando novas abordagens para o espaço público e possibilitando o tratamento do urbano como em Lefebvre (2000) em sua totalidade conceitual: (a) vivência humana com a noção de lugar; (b) representação com o projeto; (c) percepção com as práticas sociais. Para este movimento, os dispositivos se constituem de percepções com as práticas sociais. Neste sentido, é importante suporte teórico o sociólogo Henri Lefebvre, quando trata:

Toda a realidade urbana perceptível (legível) desapareceu: ruas, praças, monumentos, espaços para encontros. Foi preciso que fossem até o fim de sua destruição da realidade urbana sensível para que surgisse a exigência de uma restituição. Então, viu-se reaparecer timidamente, lentamente, o café, o bar, o centro comercial, a rua, os equipamentos ditos culturais, em suma uns poucos elementos de realidade urbana. (LEFEBVRE, 2001, p. 27)

Mesmo que enunciado através do materialismo dialético, os livros de Lefebvre discutem a reprodução do espaço urbano no que acredito ser cruzamento com a constituição de uma gestologia dos espaços. Assim, no filósofo Foucault, é possível compreender a constituição do Estado moderno, como a gênese e o desenvolvimento das novas relações de produção capitalistas, leva à instauração da anátomo-política disciplinar e da biopolítica normativa enquanto procedimentos institucionais de modelagem do indivíduo e de gestão da coletividade; em outras palavras, de formatação do indivíduo e de ad-

[1] Para Hélio Oiticica, há uma tendência à superação dos suportes tradicionais (pintura, escultura, etc.), em proveito de estruturas ambientais e objetos. E é neste vértice que se propõe o agenciamento. (PECCINI, 1978)

ministração da população. Apresentam-se agora espacialidades que se concretizam com as relações, é uma sugestão de receptáculo que o mediador atua como parte, cartógrafo que é, despolarizando os olhares e direções – dentro, fora. A transgressão da espacialidade é fragmento da totalidade, é complemento.

Necessário para viabilizar um modo de vida o espaço urbano assume uma função paradoxal na contemporaneidade no sentido de que: é projetado e não tem projeto. A demarcação das relações do espaço público assume o discurso de uma dada intraurbanidade que é cedida para outrem - o tempo do trabalho. O intraurbano é a potência do deslocamento se fazendo nele mesmo e, mesmo em cidades menores, o discurso da metrópole atropela quem se esvai por outros caminhos. Na distância da posse da intraurbanidade, das relações de transição entre tempo e espaço, a acessibilidade que há de se consolidar é a própria corporalidade constituída/constituente do que é público. Uma apropriação de uma outra dada relação, fuga da estruturação neoliberal, que configura efeitos adversos para o que é público. A construção dos espaços urbanos não está para o público como espacialidade, senão como consumo. Quando Hélio Oiticica adentra o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM-RJ) em 1965 com a bateria da Escola de Samba da Mangueira, a transgressão não acontece enquanto uso do espaço, mas produção subjetiva das condições estabelecidas por uma galeria de arte. Numa literal parangoleização artística. Na apropriação festiva. E nesta mesma discussão da antiobra do artista performático, Lefebvre denomina os valores de troca e de uso ([1968] 2001). Porque diz de relações urbanas em outra escala, um uso político do espaço já que é a arquitetura que enuncia a produção de espaço para contestar ou reafirmar o *status quo*. "Com a razão cartesiana, o espaço entra no absoluto. Objeto diante do Sujeito, "res extensa" diante da "res cogitans", presente

nesta, ele domina, porque os contém, os sentidos e os corpos" (LEFEBVRE, [1972] 2000, p. 18).

Orientar de outra forma a descontinuidade destes gestos, mesmo assumir suas descontinuidades, é abrir o jogo da racionalidade a partir de outra ordem. Da borda de. Do corpo, do público, da cidade. Interrelações destes elementos que estabelecem um jogo de gestos modificam funções, mudam suas posições e cá está o dispositivo.

São necessários gestos dispostos a dispositivos: corpos para corpus. Um corpo que é humano, outro que é organismo e uma terceira possibilidade que é diretamente da matéria: solidez, consistência. A causa é vetor para a produção de cada um em seus funcionamentos extensivos a materialidades outras. A dizer que: o corpo existe mas em relação, em causa e funcionamento, dobrado. A condição de um corpo não está em um órgão, não está em células, mas na relação imediata de si. Estas corporalidades escolarizadas são suporte simultâneos do que se produz para educar, reprimir e conter as dobras corporais. Gerar antirrelações e compor contraespacialidades é, nada menos que, expressar seu escopo e profanar duas vezes: para produzir esta subjetividade e para expurgá-la. O que não significa a simples abolição e o cancelamento das operações, mas fazer delas um uso novo, brincar com elas através da gestologia como dispositivo.

Segundo filósofos que se debruçaram sobre o dispositivo e que são base desta discussão, Foucault e Agambem, este elemento pode atuar em três níveis: i) validando a instituição de forma direta; ii) assegurando valores anulando corporalidades outras e iii) alargar as frestas dos próprios valores da instituição. O corpo, em sua força de profanação e reinvenção é o lugar onde reside a potência ativadora do que é público. Não existe espaço público sem público.

Vazados e manchas citadinas são um convite à continuidade. Um terreno baldio, uma rua interrompida, a atitude de tomada do

espaço, entre outras performances corpóreas e espaciais, produzem colapsos na tentativa insistente de tornar linear a cidade. A interrupção é, nestas relações em deslocamento, o espaço de reafirmação e recomposição do pensamento. Então, estabelecemos, desterritorializações das desterritorializações. Alternâncias que geram sentido sendo, elas mesmas, invenção. Esta reinvenção espacial é diferente do que acontece nos corpos escolarizados (com determinâncias estruturais intrínsecas) durante a transurbância, o deslocamento como troca e o encontro como necessidade, e é na constituição do contra-espaço onde o corpo quer estar também. O caminhante italiano Francesco Careri reforça o diálogo do corpo com o espaço há pelo menos dez anos através de experiências no espaço público junto com o *Stalker - Osservatorio Nomade*, grupo que faz parte. Recriando sentido para a partilha tão sugerida na arte contemporânea que acaba por ordenar distâncias tantas com saberes lineares, hierárquicos, a experiência urbana como pressuposto de um modo de vida que tem intrínseco a ele o direito à cidade como direito ao território que ocupa, que transita, que configura e é parte.

Os operadores materiais do poder, denominados de diferentes formas aqui nesta escrita, compõem as docilizações corpóreas. Isso quer nos dizer mais de modos de vida que de espaço produzido, embora em ciclo, a materialidade parece produto seguinte ao modo de vida. O assujeitamento (FOUCAULT, 1979) que avança ano após ano sobre nossas formas de vida direcionou este estudo para concepções econômicas e seus conjuntos operacionais numa busca do instante anterior ao devir-criança, cuja subjetivação está imbricada com a materialidade - estes polos podem ser conectados ciclicamente ad infinitum. Como tentativa de composição de uma genealogia do poder, numa receita metodológica foucaultiana trazida na página 94 da obra *A Microfísica do Poder*, a leitura deste autor foi importante geradora. Proposição teórica do filósofo francês:

A questão de todas estas genealogias é: o que é o poder, poder cuja irrupção, força, dimensão e absurdo apareceram concretamente nestes últimos quarenta anos, com o desmoronamento do nazismo e o recuo do estalinismo? O que é o poder, ou melhor – pois a questão o que é o poder seria uma questão teórica que coroaria o conjunto, o que eu não quero – quais são, em seus mecanismos, em seus efeitos, em suas relações, os diversos dispositivos de poder que se exercem a níveis diferentes da sociedade, em domínios e com extensões tão variados? Creio que a questão poderia ser formulada assim: a análise do poder ou dos poderes pode ser, de uma maneira ou de outra, deduzida da economia? (FOUCAULT, 1979, p. 50)

Inventividades estruturadas são suporte para que sejam questionadas a brechas de apropriação do espaço público. Na temporalidade mercadológica, será que o meu corpo consegue não produzir nada no meio da calçada? A intenção não é responder, não é sobre o nada, mas sobre o vazio, o oco. O que o invólucro corpo, epiderme, projeta como ocupação de um espaço? Gesto, dança, errância, contato e improvisação são sinais de um caminhante dispositivo que produz disfunção em seu deslocamento. Para adicionar carne ao corpo textual, compartilho aqui dois instantes capturados (Figuras 1 e 2):

A discussão percorreu a necessidade da tomada do corpo como dispositivo, mais do que instrumento. Como operador de uma estrutura rígida que está em relação e se destitua uma autorregulamentação para uma nova abordagem deste espaço público. Além das leituras nos autores aqui apresentados criticamente, a proposta teórica insurge da experiência que rompe com territórios públicos no limite geográfico e, além disso, histórico. Formados de pessoas atuantes em diversas áreas e com diferentes densidades epidérmicas, os encontros de tais corporalidades aconteceram entre os meses de abril e maio de 2017 e foram enunciados pelo grupo de observação da cidade já citado aqui, *Stalker*. O corpo como dispositivo é trazido no seu limite material, no fôlego da resistência



Figuras 1 e 2 : XNeide. Autor: Lorenzo Bottiglieri; Roma. 2017

urbana e configurando assim uma série de transversalidades teórico-práticas que intensificaram uma desestabilização do território deixando ver o que estava atrás da cidade romana. Uma cidade em devir que se atualiza nos corpos em acontecimento.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. **A potência do pensamento: ensaios e conferências.** Trad. Antônio Guerreiro. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

_____. **Profanações.** Tradução e apresentação de Selvino José Assman. - São Paulo: Boitempo, 2007.

CARERI, Francesco. **Constant: New Babylon, una città nomade.** Torino: Testo & Immagine, 2001.

_____. **Pasear e deternerse.** São Paulo: Editora G. Gilli, 2016.

_____. **Walkscapes.** O caminhar como prática estética. São Paulo: Editora G. Gilli, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão.** 38 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

_____. **Nascimento da Biopolítica.** Curso no College de France (1978-1979). Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. **Microfísica do poder.** Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço.**[1986] Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original). Le production de le'space, 4ª Ed. Paris Editions. Anthropos, 2000.

_____. **O direito à cidade.** São Paulo: Centauro, 2001.

PECCININI, Daisy (org.). **O objeto na arte – Brasil Anos 60.** São Paulo: Fundação Álvares Penteado, 1978.